

Autoconstrução: expressão do ser no mundo

Thaiza Luiza Costa Santos
Universidade Federal de Sergipe

Resumo

A principal forma de acesso à moradia para população de baixa renda no Brasil é a autoconstrução. No entanto, como arquitetos, atribuímos pouco valor cultural e arquitetônico a essa prática. Em contrapartida, as habitações construídas por programas governamentais são majoritariamente genéricas. Os tamanhos e tipologias visam atender um único modo de morar e um perfil predeterminado de família nuclear. Um projeto de habitação social que não considera as demandas culturais e pluralidade dos seus moradores ignora as implicações políticas da edificação e consequentemente contribui com o status quo. Portanto, através de pesquisa bibliográfica sobre autoconstrução aliada ao pensamento filosófico de Martin Heidegger sobre habitar e estudo de caso, o presente artigo pretende propor a análise do habitar nos processos de autoconstrução como forma de compreender o modo de morar da população de baixa renda e de aperfeiçoar técnicas de construção vernaculares, além de explorar a função social do arquiteto nesse cenário.

Palavras-chave: autoconstrução, prática arquitetônica, processos participativos, Heidegger

Introdução

A principal forma de acesso à moradia para população de baixa renda no Brasil é a autoconstrução e, apesar de defendermos nosso papel social, pouco contribuimos nesse cenário. Tradicionalmente a arquitetura opõe-se a natureza, criando espaços, traduzindo em suas obras valores religiosos e políticos alinhados com a ordem vigente. Sendo o projeto a forma como arquitetos apresentam e vendem seu trabalho, este fica restrito a camada mais abastada da sociedade. Contudo, as demandas dos demais continuam existindo sem que eles tenham recursos para contratar profissionais. Segundo o relatório lançado pelo Programa das Nações Unidas para Assentamentos Humanos em 2014, o Brasil possui cerca de 33 milhões de pessoas sem moradia. Em torno de 12,7 a 13 milhões de moradias não têm infraestrutura básica e 92% do déficit concentra-se nos mais pobres. Além disso, a pesquisa do Instituto Datafolha em 2015 aponta que 85% dos que construíram ou reformaram não contrataram os serviços de arquiteto e/ou engenheiro.

De acordo com Kapp (2011), no planejamento urbano e nas diretrizes governamentais sobre habitação, o discurso especialista se sobrepõe às preferências dos habitantes com a justificativa de que lhes falta conhecimento, informação, maturidade ou organização. Porém, segundo Lefebvre (1991), as condições precárias dos espaços autoconstruídos não se devem prioritariamente a incompetência, mas a pobreza material e política de seus autores. Afinal, eles fazem parte da mesma força de trabalho que constrói a cidade formal. Mesmo diante das condições precárias, muitas vezes eles ordenam o espaço mais efetivamente que especialistas.

As habitações construídas por programas governamentais são majoritariamente

genéricas. Conforme Morado Nascimento e Tostes (2010), os tamanhos e tipologias visam atender um único modo de morar e um perfil predeterminado de família nuclear (casal com dois filhos). Ignora-se a diversidade de configurações familiares e suas demandas culturais. É imposto um modo burguês atrofiado de morar e com qualidade arquitetônica inferior. Isso se deve principalmente a produção em massa de conjuntos habitacionais associada a produtividade lucrativa da indústria da construção civil.

Entretanto, a excelência em projetos de habitação social vêm do conhecimento dos diversos modos de habitar e da participação popular na concepção projetual. Este trabalho propõe a análise do habitar nos processos de autoconstrução como forma de compreender o modo de morar da população de baixa renda e de aperfeiçoar técnicas de construção vernaculares.

Autoconstrução: expressão do ser no mundo

Durante um congresso de arquitetura em 1951, Heidegger afirma que a meta do construir é proporcionar um habitar, mas a produção de moradias de qualidade por si só não garantem isso. Habitar é construir quando edifica-se ao mesmo tempo a casa e a noção de lar. Seu embasamento para estabelecer essa relação é a etimologia. Através da busca etimológica da palavra do antigo alto-alemão usada para dizer construir, “buan”, temos que construir significa originariamente habitar. Assim como “buan” tem sua origem na palavra alemã “bin”: eu sou. A partir disso, Heidegger infere que a maneira como tu és e eu sou, o modo segundo o qual somos homens sobre essa terra é o “buan”, o habitar.

Através da transformação semântica perdeu-se a ideia de que habitar é mais do ocupar espaços, mas constitui o ser no mundo do homem. Habitar é construir quando a residência reflete suas crenças, preserva e guarda o que lhe é sagrado. As edificações construídas com autenticidade marcam a essência do homem dando moradia a sua poética no mundo. A intenção de Heidegger não é incentivar que cada um construa sua casa manualmente, mas tornar possível, por meio da busca ontológica do sentido original de construir e habitar, um caminho para reflexão de como o habitar foi capaz de construir. A

relação que o morador tem com a sua casa é mais importante do que a estética e concepção projetual técnica. A forma como ele se reconhece nela e a interpreta é o que a tornam um verdadeiro lar. É a transformação de um mero alojar em um autêntico habitar. A partir dessa reflexão, podemos estabelecer que analisar os processos de autoconstrução é uma forma de conhecer o habitar das famílias de baixa renda.

Entretanto, em habitações sociais, a arquitetura tornou-se responsável pela produção de espaços que tem como referência um ser universal negando a multiplicidade da experiência da vida humana como se fosse possível objetivar o comportamento social e quantificá-lo. No geral, os arquitetos isentam-se da relação entre sua obra e seu papel político ignorando que a arquitetura é também representante de valores sociais. Quando analisamos a inovação e criação sem considerar as implicações políticas das edificações, reproduzimos a ordem física e social desejada por instituições que no momento detém autoridade política e poder. Segundo Montaner e Muxí (2014), em oposição ao modelo vigente de atuação profissional o arquiteto que busca ser leal à sua função social será forçado a superar suas coordenadas profissionais, industriais e comerciais para poder fazer um trabalho autenticamente culto e crítico, multidisciplinar e coletivo que participe de projetos sociais e de cooperação.

Atualmente, parte dos brasileiros vivem em casas autoconstruídas com técnicas vernaculares e com costumes que remontam séculos sem noção da antiguidade de sua tradição arquitetônica. Segundo Weimer (2005), uma das tipologias de casa mais comum no país é a “casa de porta e janela”. Possui apenas duas aberturas na fachada (porta e janela), uma porta no fundo junto com uma ou mais janelas pequenas dando vista para o quintal. A sala é o primeiro ambiente e a cozinha o último. Estes são ligados por um corredor lateral e separados por quartos sem nenhuma abertura. Essa tipologia foi sendo adaptada ao longo do tempo, mas tem sua origem nos costumes portugueses, islâmicos e africanos. No clima desértico as casas são geminadas e com poucas aberturas para proteger o ambiente do vento quente e seco. No Brasil isso foi reproduzido erroneamente em regiões de clima úmido. Apesar de pouco coerente, o fator cultural sobrepôs às



Figura 1. Casas autoconstruídas em Cabloco, distrito de Afrânio-PE. Fonte: Viva o sertão (2014).

necessidades climáticas. Já o uso de taipa de pilão e azulejaria é um exemplo interessante de adaptação. Devido a vulnerabilidade à umidade das paredes de taipa, construía-se beirais salientes (beira sobre beira). Se a superposição de telhas não fosse o suficiente, as paredes eram revestidas com azulejos. Por isso houve uma generalização de fachadas azulejadas nas cidades litorâneas coloniais do Nordeste, em especial São Luís e Belém.

Há uma campanha, especialmente no Nordeste, para destruição das casas de taipa de pau-a-pique e substituição por casas de alvenaria. O governo argumenta que as casas são mal executadas e possuem rachaduras que servem de abrigo para roedores e insetos que transmitem doenças como a Doença de Chagas. Construções de terra no Brasil são comuns aos pobres devido ao baixo custo e facilidade de manuseio. No entanto, famílias que transmitiram por gerações essa técnica são obrigadas a viver numa habitação de concreto sem qualquer aspecto cultural com que possa se identificar. A campanha falha ao ignorar a terra como material legítimo para arquitetura. Afinal, existem outras técnicas além da taipa de pau-a-pique. Há um preconceito com esse material, pois é visto como de pouca qualidade apesar de existirem construções com mais de 300 anos no Brasil feita de terra.

Atualmente, a terra é considerada um material ecologicamente sustentável. Paredes de terra transmitem e regulam a temperatura interna do ambiente. Além disso, é aproveitada integralmente: colhida no local (dispensa gastos com transporte) e, em caso de demolição ou descarte, volta ao seu estado inicial sem

gerar resíduos. A depender do clima regional ou do tipo de terra utilizado, mistura-se com outros materiais para garantir maior estabilidade como fibras (vegetais ou animais), folhas, esterco, ramos ou galhos, cal ou cimento. Para inibir a ação da água são adicionados hidrofugantes e aditivos que impedem o surgimento de fungos. Dependendo da sua composição química, possui uma ampla gama de cores desde o ocre até o vermelho e marrom.

Práticas que habitam

Na autoconstrução, os usuários têm plenos poderes sobre a construção. Contudo, em um processo formal para que haja legalização nos órgãos, é preciso apresentar planos e projetos. Através disso obtém-se financiamentos e amparo jurídico, mas perde-se autonomia e poder de decisão. Segundo Baltazar e Kapp (2006), os projetos participativos inseridos em programas governamentais aproximam o usuário do projeto, mas não alteram o tradicional papel do arquiteto como designer de um produto acabado. Para atender nosso papel social precisamos investigar a lógica de produção do espaço e depois apresentar propostas, elaboradas junto com os usuários, condizentes com essa realidade.

Para ilustrar como podemos trabalhar nessa linha, apresento um exemplo de habitação social mexicana que dialoga com a cultura popular. O Workshop Vertical - Projetos de Impacto Regenerativo foi promovido pelo Departamento de Arquitetura da Universidade Iberoamericana e ministrado pelos professores Juan Casillas, Mariana Ordóñez e Jesica Amescua. Os projetos executados por



Figura 2. Estudantes projetando junto com a comunidade. Fonte: Onnis Luque (2016).



Figura 3. Maquete da casa. Fonte: Onnis Luque (2016).

professores e alunos no workshop surgem de demandas reais de populações carentes e são desenvolvidos mediante processos participativos e troca de saberes técnicos e culturais.

Em 2016 o grupo começou a trabalhar com a Fundação Mesoamérica Profunda A.C e a Rede Comunitária de Saúde e Ambiente de Tenejapa “Un Solo Corazon” A.C para concepção e execução de projetos de casas de partos em Chiapas. Apesar de realizarem 98% dos partos na região e terem reduzido a zero a taxa de mortalidade materna e infantil, as consultas das parteiras ainda são realizadas na residência das pacientes. A iniciativa Casa de la partera promove a construção de espaços necessários para que elas exerçam seu ofício em condições salubres. Os projetos foram concebidos junto com as parteiras sob os princípios de impacto regenerativo. Parte do custo (materiais, trabalho e terreno) foi pago pela rede de parteiras e o restante adquirido através de financiamento coletivo online.

Inicialmente foram realizadas pesquisas para auxiliar na compreensão da tipologia habitacional vernacular da região, dos sistemas construtivos tradicionais, dos materiais locais, da conformação dos solares tzeltales, dos núcleos familiares e das formas de ocupar o território. Em conversas com as parteiras e acompanhamento durante as consultas foi possível compreender a logística do ofício e suas necessidades espaciais: área de consulta, área de parto, fogão para esterilizar suas ferramentas, pátio para espera da família, bem como complementos utilitários, como cordas e colchonetes para os partos verticais.

Estabelecer contato com a comunidade foi um desafio por causa da barreira linguística entre o Tzeltal e o espanhol. Para estabelecer uma comunicação simples, lúdica e informativa desenvolveram junto com o arquiteto Roberto Rodríguez um modelo/brinquedo com base nos sistemas de construção tradicionais identificados na pesquisa e no programa arquitetônico necessário descrito pelas parteiras. O modelo é composto de peças de diversos tamanhos e formas baseados nos sistemas construtivos tradicionais e que, ao se juntarem, geram diferentes possibilidades funcionais, formais e construtivas.

A maneira de entender e produzir arquitetura

está diretamente ligada à experiência pessoal e ao modo como a habitamos. A experiência dos homens com técnicas de construção vernaculares e das parteiras com seu ofício explica porque nas sessões de projeto observou-se que as mulheres preferiam conceber o espaço a partir do uso prático, programa de arquitetura e o funcionamento. Oposto aos homens da família que consideraram mais fácil a concepção a partir da forma e do sistema construtivo. Para aumentar a vida útil dos materiais locais foram definidas questões técnicas para a melhoria dos sistemas de construção tradicionais.

O valor da equipe de arquitetura nesse projeto está na sensibilidade de entender o contexto superando inclusive a barreira linguística. A cooperação entre alunos, professores e comunidade local contribui para renúncia da autoria e afastamento do ego. Os alunos aprendem que arquitetura não precisa ser uma competição. Ao olhar os desenhos arquitetônicos e as maquetes, as parteiras enxergavam a forma como os estudantes haviam traduzido suas necessidades contemplando como sua nova casa funcionaria e não a obra de um artista. Essas casas foram concebidas e construídas com envolvimento direto da comunidade. É nelas que as parteiras e seus familiares se reconhecem e veem a continuação das tradições de seus ancestrais. Nesse projeto podemos observar as possibilidades de atuação profissional em um contexto de autoconstrução que envolve participação popular. Atua-se como criador de interfaces, investigador da cultura local, tradutor dos desejos dos moradores e técnico que aperfeiçoa técnicas vernaculares respeitando a cultura local.

Conclusão

Diante do que foi apresentado, podemos considerar a análise do habitar nos processos de autoconstrução como forma de compreender o modo de morar da população de baixa renda e de aperfeiçoar técnicas de construção vernaculares. É importante investigar a autoconstrução pois, além de ser a principal forma de acesso à moradia para população de baixa renda, traz em si os saberes e costumes populares. Estes fazem parte da concepção individual do que é habitar e, para respeitá-los ao projetar habitações sociais, devemos envolver os moradores nos processos de decisão. Para promover processos



Figura 4. Parteira e sua família no processo de construção da casa. Fonte: Onnis Luque (2016).

participativos eficientes, precisamos perder o status de artista demiurgo para nos tornarmos um profissional que coloca seus conhecimentos a serviço das verdadeiras necessidades da população.

Referências

Percepções da sociedade sobre Arquitetura e Urbanismo, Pesquisa CAU/BR-Datafolha. Disponível em: <<http://www.caubr.gov.br/pesquisa-caubr-datafolha-revela-visoes-da-sociedade-sobre-arquitetura-e-urbanismo/>>

KAPP, S. Casa alheia, vida alheia: uma crítica da heteronomia. VIRUS, São Carlos, n. 5, 2011. Disponível em: <<http://www.nomads.usp.br/virus/virus05/?sec=3&item=2&lang=pt>>. Acesso em: 26 de março de 2019.

LEFEBVRE, Henri. The production of space. Oxford: Blackwell, 1991. 454 páginas.

MORADO NASCIMENTO, Denise; TOSTES, Simone Parrela. Espaço público e políticas habitacionais lusófonas. In: Congresso Internacional (DA) Habitação no Espaço Lusófono, 1., 2010, Lisboa. Lisboa: ISCTE/IUL, 2010, p.1-23. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/12.133/3936>>. Acesso em: 07 de agosto de 2018.

HEIDEGGER, Martin. Construir, Habitar, Pensar. In: Ensaios e Conferências. (trad.) Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes. 2ª ed. 2002.

MONTANER, Josep Maria; MUXÍ, Zaida. Arquitetura e política: ensaios para mundos alternativos. São Paulo: Gustavo Gili, 2014. 253 páginas.

WEIMER, Günter. Arquitetura popular brasileira. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2005. 334 páginas.

BALTAZAR, Ana Paula; KAPP, Silke. Por uma Arquitetura não Planejada: o arquiteto como designer de interfaces e o

usuário como produtor de espaços. Impulso (Piracicaba), v. 17, p. 93-103.

ZATARAIN, Karina. 2017. Workshop universitário realiza projetos para a construção de casas de parto no México. Disponível em: <<https://www.archdaily.com.br/br/872859/workshop-universitario-realiza-projetos-para-a-construcao-de-casas-de-parto-no-mexico>>. Acesso em: 04 de março de 2019.

MÉNDEZ, Juan Pablo Rodríguez. 2017. Estos proyectos estudiantiles buscan mejorar las condiciones de trabajo de las parteras en los Altos de Chiapas, México. Disponível em: <<https://www.archdaily.mx/mx/872957/estos-proyectos-estudiantiles-buscan-mejorar-las-condiciones-de-trabajo-de-las-parteras-en-los-altos-de-chiapas-mexico>>. Acesso em: 04 de março de 2019.